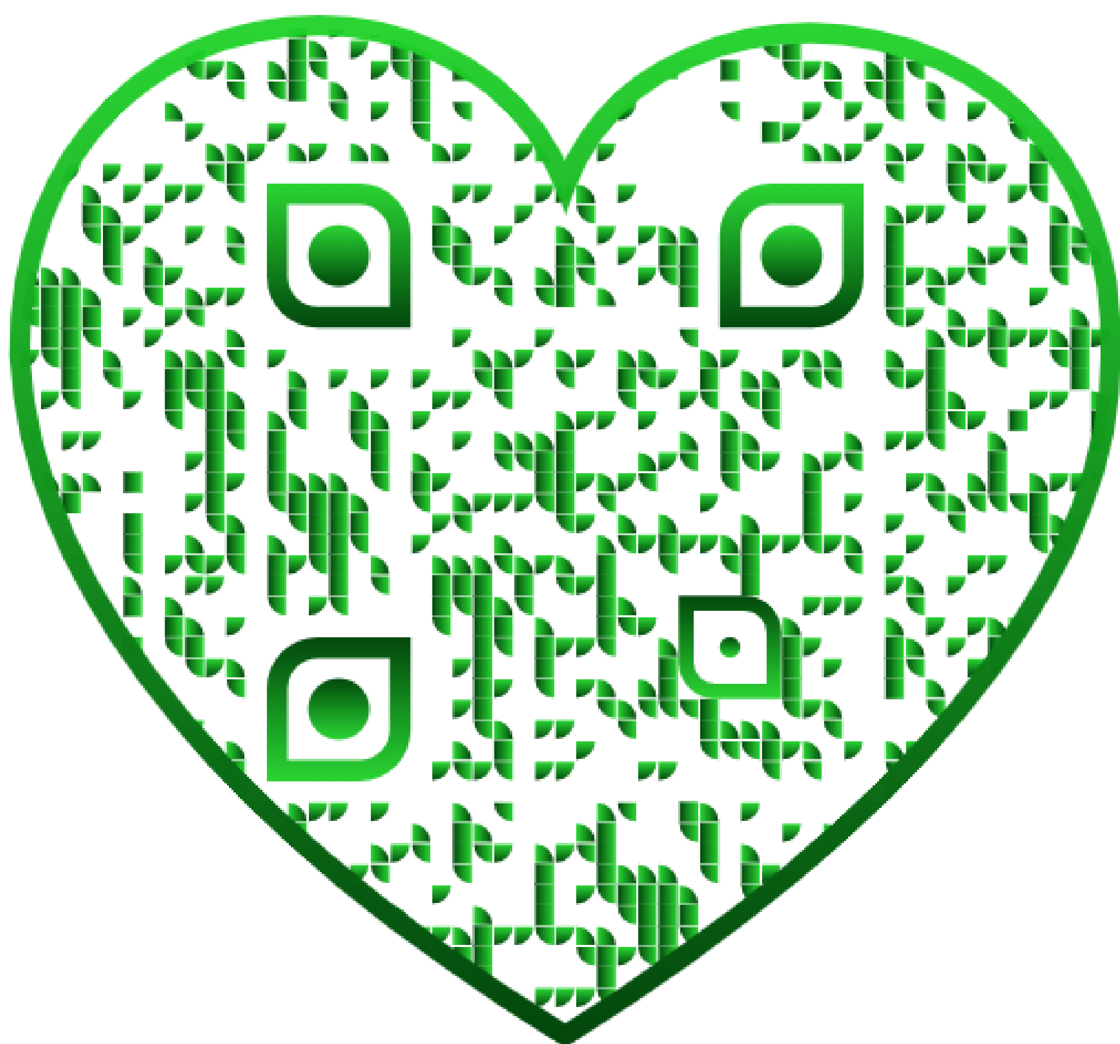
Um brinde a realeza

Juliana Dantas






Um brinde a realeza


Juliana Dantas


Copyright © 2020 por Juliana Dantas

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a prévia autorização por escrito do autor, exceto no caso de breves citações incluídas em revisões críticas e alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei de direitos autorais.

Esse é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, lugares, negócios, eventos e incidentes são ou os produtos da imaginação do autor ou usados de forma fictícia.

Título Original: Um brinde a realeza
Capa: Jéssica Gomes
Revisão: Sheila Mendonça

Este conto é o desfecho da série Henry & Sophia
Leia os dois primeiro volumes:

Um sonho de princesa
Quase uma duquesa

Um Brinde à Realeza

Quem poderia imaginar que aquela garota que aguentava as transas meia-boca de um namorado igualmente meia-boca — que assistia filmes pornôs no celular no meio do sexo — era a mesma que agora cavalga um duque?

— Ah sim — murmuro com um sorriso bobo no rosto enquanto movimento meus quadris sensualmente deixando minha atenção se perder por alguns instantes no rosto do meu lindo noivo.

Sim, o Duque de Durham está muito feliz de olhos fechados e com suas nobres mãos presas em meus quadris em uma de nossas fodas magníficas — porque eu tenho que dizer, Henry já seria perfeito só de ter um titulo real, mas além disso ele ainda sabia usar aquele corpinho nobre para arrebentar na cama.

Então, senhoras e senhores, sim, eu sou a garota mais sortuda do mundo.

Embevecida, deixo meu olhar recair na tiara de diamantes e esmeraldas que repousa na mesa de cabeceira. Eu estava experimentando — pela décima vez na semana — quando Henry entrou no quarto e bem, eu não lembrava bem o que tinha acontecido depois até estarmos despidos, bagunçando os lençóis.

De súbito uma ideia passa pela minha cabeça e eu me inclino, pegando a tiara e colocando sobre meus cabelos. Henry solta um gemido com meu movimento, mas continua com os olhos fechados, agora apertando meus seios. Eu me seguro em seu peito e me viro para o espelho no canto do quarto, admirando minha imagem.

Ah caramba, quase quero pedir para Henry abrir os olhos e contemplar a perfeição que eu estou com essa tiara. Sinto até mais calor e intensifico meus movimentos, fechando os olhos. Sentindo-me mais do que nunca uma princesa.

Ok, não era uma tiara de princesa, mas de duquesa. Tão real quanto, então deixo minhas fantasias me levarem para mais longe, para daqui a alguns meses, quando chegar o dia do meu casamento.

Vejo a mim mesma chegando em um lindo carro em frente à Capela Saint George em Windsor e a multidão acenando, excitada com minha chegada, enquanto desço do carro e dois pajens gêmeos idênticos arrumam meu véu. Ok, talvez eu esteja viajando um pouco, mas e daí? É minha fantasia!

Então, com um suspiro, continuo sonhando. Agora subo as escadarias e aceno para os fotógrafos posicionados, loucos por um clique do meu espetacular vestido branco. Nada simplesinho não. Vai ser um vestido enorme, cheio de tule e brilho porque vamos combinar, eu

sou quase uma duquesa e mereço algo inesquecível.

Aí ninguém menos que o Príncipe Charles estará lá para segurar minha mão e me guiar pela nave.

— Minha querida, você está linda.

— Mais linda do que suas noras?

— Muito mais! Mais linda que Diana!

Sorrio, derretendo com o elogio e seguimos em frente, posso ver os rostos através do meu véu diáfano. Oh meu Deus, aquela é a Adele cantando Ave Maria? Claro que sim, ela até aceitou cantar pra mim na festa mais tarde!

Aceno para o George Clooney que me manda um beijo e devo dizer, acho que ele piscou com certa malícia pra mim, o que não é de se estranhar porque estou muito gostosa, mesmo sendo uma noiva da nobreza.

E mais à frente está a família real. O Príncipe William e Kate estão tão felizes. Certeza que eles aceitarão ser padrinhos do meu primeiro filho com Henry.

Avisto Meghan Markle, mas finjo que não vi, porque, sinceramente, não sou rancorosa nem nada, ainda mais agora que eu tenho Henry, mas é difícil se livrar de velhas mágoas e deixo meus olhos se prenderem em Harry.

Ah Harry, meu antigo amor, o homem com quem achei que passaria o resto dos meus dias.

Faço questão de encará-lo bem nos olhos, para ele saber exatamente o que perdeu. E claro que ele sabe, seu olhar é de admiração do tipo “Nossa, como deixei essa mulher perfeita escapar?”.

Sim, meu caro, agora é tarde.

Mas ele ainda segura meu braço e sussurra um “Por favor, ainda temos uma chance?”.

“Ah Harry, sinto muito, mas eu amo outro homem, vai ter que conviver com isso.”

E sigo em frente, mas antes de chegar ao meu noivo, lá está ela: a Rainha Elizabeth.

Para meu casamento ela usa um tailleur verde-limão que me dá tontura, mas tudo bem, porque ela pode, afinal é nossa soberana.

Com lágrimas nos olhos, me aproximo da rainha e faço uma reverência e ela faz um sinal com a mão para eu me levantar.

— Minha querida Sophia, não precisa me reverenciar, somos iguais agora. Você é uma nobre! Um duquesa! Mas está tão linda como uma princesa, bem-vinda à realeza.

Oh Deus!

— Oh Rainha Elizabeth, sim, sim!

Volto à realidade enquanto um clímax incrível me atinge e caio para o lado, suspirando feliz.

Melhor sexo de todos, uau!

Quando abro os olhos, Henry está me encarando com uma expressão entre confusa e horrorizada.

— O que foi? A camisinha estourou?

— Você gritou o nome da Rainha Elizabeth enquanto gozava?

Ops.

— Quê? Eu fiz isso?

— Sim... que diabos, Sophia?...

— Então, não foi nada demais...

— Está dizendo que estava pensando na Rainha Elizabeth enquanto a gente transava e não é nada demais?

— Não é assim!

— A Rainha Elizabeth te dá tesão?

— Credo Henry, não é nada disso! Eu apenas... divaguei por um momento.

— Divagou... — De repente, ele olha para minha cabeça e ainda estou usando a tiara. — Que horas colocou isso na cabeça?

— Quando estávamos transando?

— Por quê?

— Por que eu fico bonita?

— Bem, fica mesmo, mas pra quê?

— Então, a gente estava lá, transando e tal, e aí eu coloquei a tiara e de repente eu estava pensando no nosso casamento... E, ah Henry! Foi o casamento mais lindo do mundo, mais lindo do que qualquer princesa e a rainha..

— Ah, espera, então no meio de uma transa você ficou divagando...

Ele parece realmente aborrecido.

— Bem, sim...

— Porra, Sophia, que merda!

Ele pula da cama e começa a pôr a roupa.

Rolo os olhos.

— Ah, Henry não seja tão mocinha! Como se nunca tivesse tido nenhuma fantasia durante uma transa? Vai dizer que nunca imaginou sei lá, transar com a Kendall Jenner?

— Para seu governo eu não fantasio com outras mulheres quando estou com você e acho que não deveria fantasiar com...

— A rainha? Sinceramente, acho que a rainha é mais respeitoso do que outros homens...

Ele estreita o olhar e percebo que falei a coisa errada.

— Você fantasia com outros homens?

— Não — respondo rápido demais.

Ele chega perto o suficiente para seu olhos estarem bem próximos dos meus.

— Não?

— Bem, só uma vez...

— Com quem?

Mordo os lábios pensando em mentir, mas eu ia falar que tinha fantasiado com quem?

George Clooney?

Bem, George Clooney estava mesmo no meu sonho e...

Foco Sophia!

Suspiro, dando-me por vencida.

— O Príncipe Harry.

— O Príncipe Harry? Está me dizendo que fantasia estar com o pau do Príncipe Harry te fodendo enquanto eu...

— Caramba você falando assim até me dá ideias...

— Droga, Sophia...

Eu ri.

— Calma, está nervoso por causa de uma besteira!

— Besteira? Como foi que se sentiu quando viu seu ex assistindo filme pornô enquanto te comia? Acho que estou me sentindo do mesmo jeito.

— Na verdade, eu não liguei muito não. Eu aproveitava para ver revista com o Harry e...

Henry solta mais um monte de palavrão.

— Henry, sério, por que estamos falando do Jack?

— Estou aqui tentando entender por que minha noiva acha que é normal fantasiar com outros homens.

— Não são outros homens, é só o Harry e...

Ele explode de novo.

— Não fala o nome desse idiota de novo!

Desta vez sou eu que fico brava.

— Harry não é idiota, você que está agindo feito uma mocinha enganada, faça-me o favor!

Antes que eu consiga continuar, uma batida na porta nos interrompe.

— Sophia, Henry? Estão aí?

— Merda, é minha mãe.

Eu puxo o lençol rápido e só tenho tempo de tirar a tiara quando ele abre a porta.

— Que diabos estão fazendo escondidos aqui... — Ela espia para dentro do quarto e eu coro até a raiz do cabelo, acenando. — Meu Deus, vocês não têm nenhum decoro? Às três da

tarde?

— Vindo da pessoa que transa com o mordomo? — Henry resmunga e deixa o quarto.

— O que deu nele? — Margareth me encara ultrajada.

Faço um gesto de descaso com a mão.

— Você queria falar comigo? Tomarei um banho e descerei em alguns instantes... — Sorrio placidamente.

Vou falar uma coisa. Eu e Margareth até que tínhamos aprendido a nos dar bem depois que fui trabalhar com ela em Durham, mas preciso ser sincera: depois que voltei com Henry e que me mudei com ele para a mansão em Mayfair, às vezes eu entendia pessoas que odiavam as sogras.

Acreditei que ela continuaria em Durham a maior parte do tempo, como sempre, mas ela andava mais ali em Mayfair do que antes. E privacidade era uma coisa rara quando Margareth estava por perto.

Quase me fazia sentir falta de nossa pequena casinha em Notting Hill.

— A organizadora do casamento está aí.

— Ai droga esqueci!

Eu estava mesmo me arrumando para receber a organizadora do casamento quando Henry entrou no quarto e me distraiu.

— Recomponha-se e desça! — Lady Margareth fecha a porta do quarto e eu pulo da cama, indo para o banheiro tentar me recompor, já esquecida da briga com Henry.

Nós estávamos noivos há alguns meses e ficamos bastante ocupados com reuniões para definir e aprovar as reformas para as mudanças em Durham, que a partir do próximo ano teria parte do castelo aberto ao público.

Já recomposta saio do quarto e desço as escadas para encontrar Lady Margareth com uma senhora loira e alta, com um coque na nuca e óculos de aro de tartaruga e vestindo um tailleur azul elegante.

— Aí está a noiva — Margareth anuncia. — Celine, essa é minha nora, a noiva do meu querido Henry, Sophia Davis.

A mulher me encara de cima a baixo e na hora percebo que deveria ter vestido algo melhor do que meu jeans e camiseta.

Caramba, às vezes é difícil lembrar que sou quase da nobreza e preciso me vestir mais como Lexi, a irmã de Henry, que parecia sempre estar saindo de alguma passarela, ou Margareth com seus tailleurs impecáveis.

— Sophia, essa é Celine Shaw. Ela é uma das organizadores mais requisitadas da Inglaterra.

— Uau, quantos casamentos da aristocracia você já fez? — indago animada quando nos

sentamos em volta da mesa de chá.

Margareth pigarreia.

— Sophia, tenha modos.

— Ah, a mocinha está apenas curiosa. — A mulher arruma os óculos aceitando a xicara de chá de Margareth. — Costumo fazer muitos casamentos da nobreza.

— E você conhece a rainha? — pergunto curiosa enquanto pego um macaron.

— Já estive em eventos em que a rainha estava sim. Mas enfim... — ela abre uma agenda e me passa uma grande pasta branca — eu trouxe aqui algumas referências para conversarmos sobre sua boda com o duque...

— Ah, eu não preciso olhar isso — devolvo.

— Como assim, Sophia? — Margareth me encara curiosa.

— Eu já sei tudo o que eu quero, é só você anotar aí no seu caderninho.

— Temos uma noiva decidida aqui. — A mulher sorri com polidez. — Para quando será o casamento?

— Queremos para maio — Margareth responde.

— Setembro — eu falo ao mesmo tempo.

— Setembro? — Ela levanta a sobrancelha. — Isso nos dá só quatro meses. Não é adequado.

— Henry escolheu o mês, ele já acha que quatro meses é muito.

— Não pode querer um casamento de porte em tão pouco tempo, Sophia.

— Mas achei que a Senhora Celine conseguisse isso, afinal ela não é a melhor organizadora de Londres? — bajulo.

A mulher se empertiga.

— Podemos dar um jeito, embora tenhamos menos opções...

— Como o quê?

— Para a igreja, por exemplo.

— Ah mas eu quero Saint George.

— Saint George? É a capela em Durham? Devo entender que quer se casar em Durham?

— Não, Saint George em Windsor.

— Mas, minha cara… Sair George é uma capela real!

— E eu sou quase uma duquesa! Dá seus pulos!

— Sophia, seja razoável — Margareth se intromete.

— Por quê?

— Os Cavendish são uma das famílias mais antigas da Inglaterra e sim nobres, mas Saint James é apenas para a família real!

— Então não posso casar em Windsor?

— Terá que escolher outra igreja, querida.

— Talvez Durham seja uma boa ideia. Eu me casei lá com o pai de Henry.

— É... talvez... — sussurro decepcionada.

— E o vestido? Já escolheu o estilista? — Celine continua.

— Sim, Givenchy!

— Hum, muito estiloso...

— E para o vestido da festa escolhi Stella Mccartney e sapatos Aquazzura.

— Que interessante... Vai precisar que eu medeie isso ou...

— Eu falei com Lexi e ela conhece a Stella — esclareço.

É bom que a irmã de Henry seja bem relacionada!

— Então vamos a suas ideias... — a mulher prossegue e eu a interrompo.

— Eu já tenho tudo planejado. — Quase pulo animada. — Bem, é realmente uma pena que não possa me casar em Windsor, mas talvez possa ser na St. Paul como a Diana ou em Westminster como a Kate e o William!

As duas abrem a boca para falar, mas eu continuo.

— E talvez a recepção ainda possa ser em Frogmore House? Aquela mansão do século XVII, em Windsor sabe?

— Por que teria uma recepção em Windsor se não vai se casar na cidade?

— As pessoas têm carro!

— Não seria prático...

— Enfim, as flores do casamento! Eu quero arranjos florais criados por Philippa Craddock, a florista da rainha! E claro, depois eles serão doados ao Asilo de Saint Joseph, que cuida de pessoas com doenças graves e idosos. Cada paciente será presenteado com um buquê. — Sorrio satisfeita.

Celine Shaw anota tudo rápido, com os óculos caindo no nariz.

— Fale mais devagar, querida...

— Meu buquê terá miosótis.

— Que diabo de flor é essa? — Margareth pergunta.

— As flores da Princesa de Gales, que Deus a tenha. E também terá astilbe, uma flor que significa “estarei a sua espera”, lírios do vale, que simbolizam a ternura e o regresso à felicidade e, claro, o tradicional raminho de murta.

— Murta?

— Sim, é uma tradição que remota ao reinado da Rainha Victoria e seguida pela Duquesa de Cambridge, a Princesa de Gales e até mesmo a Rainha Elizabeth em seu casamento.

— Que interessante...

— E também quero astrantia, que significa força, coragem e proteção.

— Minha nossa, nem sabia que existia tanta flor!

— E claro, o buquê será feito por Phillippa Craddock também... anotou tudo?

A mulher arruma os óculos, meio esbaforida.

— Continuando. Depois depositaremos o meu buquê no túmulo ao soldado desconhecido na abadia de Westminster. Do mesmo modo que o buquê de Kate de Cambridge, em 2011.

— Como é? — A organizadora levanta a sobrancelha.

— É uma tradição entre as noivas reais.

— Você não é uma noiva real.

Faço um gesto de descaso com a mão.

— Duvido que vão impedir de colocar umas flores para os soldados! Enfim, já falamos da cerimônia, agora vamos falar da recepção. Após o casamento, podemos dar um banquete. Bem, eu queria em Windsor, mas como não será possível precisaremos procurar um lugar aqui em Londres. Será que deixam em Kensington?

— Claro que não?

— Podemos tentar! E eu já pensei no menu! Terá sete entradas (incluindo aspargos ingleses grelhados com presunto da Cúmbria, croquetes de confit de cordeiro de Windsor e tartare de tomate e manjericão), três pratos principais em tigelas (fricassé de franco com alho-poró e cogumelos, risoto de hortelã e ervilha com óleo de trufas e batatas fritas crocantes com parmesão e carne de porco assada durante 10 horas com compota de maçãs), três opções de sobremesa (*macarons* de champanhe e pistache, tarteletes de creme brûlée de laranja e tarteletes crocantes de ruibarbo). E depois podemos ter uma festa à noite! A festa se alongaria até de madrugada com fogos de artifício tingindo o céu no fim! Menu com bebidas havaianas e africanas e até com uma segunda ceia à base de hambúrgueres. Ah sim, quero um Jaguar para chegar à festa. Podia ser um modelo 1968, conversível azul, e com a placa personalizada com a data de casamento, o que acham?

— Nossa, Sophia, como já sabe de tanto detalhe? — Margareth me encara fascinada e um tanto amedrontada. Como se de repente achasse que Henry estava casando com um E.T.

— Eu andei pesquisando, afinal é meu casamento, não? — Pisco. — E vamos falar do bolo! Não vou seguir a tradição real, que costuma escolher um bolo típico inglês de frutas secas. Quero um clássico bolo de casamento branco à americana Claire Ptak!

— Quem? — Margareth estreita o olhar.

— Ela tem uma confeitaria em Londres. Quero um bolo de limão e flor de sabugueiro! — Sorrio animada.

Porém, a organizadora de casamento não parece muito feliz com todas as minhas exigências.

— Hum, isso é bem exigente, já tem muitos detalhes na cabeça e sinceramente eu nem

consegui anotar tudo. Acho que pedirei que me passe um e-mail com todas as suas ideias...

— E claro, convidaremos a rainha. Eu não posso casar sem a rainha!

A mulher arregala os olhos e Margareth suspira, fazendo um gesto de descaso com a mão.

— Tenho certeza que a rainha tem mais o que fazer, Sophia.

— Mas podemos convidá-la! E o Príncipe Charles. Infelizmente teremos que aturar a Camila, mas fazer o quê? E claro, convidaremos Kate e William e Harry e... — faço uma careta — e Meghan.

Seria esquisito ter Meghan e Harry no meu casamento, afinal, seria como convidar um ex. Vamos deixar claro que Jack não seria convidado. Eu tinha até sondado com Henry se ele aceitaria, afinal, os pais do Jack eram vizinhos da minha casa em Weybridge e nos conhecíamos desde criança, mas Henry soltara alguns palavrões nada educados quando eu sugeri isso.

E claro, eu tinha rebatido com a pergunta inocente:

— Devo entender que Sienna e sua família também não serão convidados?

— Bem, os pais de Sienna são amigos da minha família há muito tempo e...

Então foi minha vez de soltar alguns palavrões não dignos de uma lady.

E no fim, combinamos que ex-namorados não seriam aceitos na cerimônia.

Mas certamente Henry não teria coragem de encrencar com Harry.

Harry era um príncipe real.

Ele podia até exigir passar a noite de lua de mel comigo, como naquelas séries medievais em que os soberanos se aproveitavam das noivas virgens dos plebeus e...

Enfim, isso não vai acontecer, lógico.

Primeiro que nem sei se este tipo de prática acontecia de verdade e segundo que nem virgem eu sou.

Mas não posso deixar de divagar um pouco de como seria e...

— Sophia, Sophia?

Volto à realidade com Margareth chamando minha atenção.

— Sim?

— Celine já está indo embora.

— Sim, trocaremos e-mail e você me dará todas as suas ideias para o casamento.

— Tudo bem.

Sorrio educada e Margareth a leva até a porta.

Eu aproveito para ir procurar Henry.

Porém, ele não está em lugar nenhum e tenho que me contentar em jantar sozinha com Margareth me espezinhando sobre todos os detalhes que despejei na “pobre organizadora”.

— Ela devia me agradecer por eu ser tão detalhista e saber tudo o que quero. Menos

trabalho! Agora se me der licença, vou enviar o e-mail com todos meus pedidos, assim, quanto antes ela tiver tudo mais fácil para conseguir.

Praticamente fujo de Margareth e mando mais uma mensagem a Henry perguntando onde ele se meteu, mas se bem conheço Henry, ele deve estar em algum lugar com sua câmera fotográfica.

Sim, Henry ainda tirava fotos de turistas, não mais com a mesma frequência, mas ainda manteve a atividade como um hobby. E eu também não sou o tipo de namorada que fica o tempo inteiro no pé do namorado para saber o que ele está fazendo. Confio em Henry e ele também confia em mim — bem, pelo menos antes de eu confessar que já tinha transado fantasiando com o Harry.

Então, pego o notebook e sento na cama para enviar um longo e-mail à organizadora de casamento, aproveitando para pedir a ela para conseguir a Adele para cantar não só na cerimônia, como também na festa.

— Ei. — Henry entra no quarto algum tempo depois e eu contenho a vontade de rir quando percebo que ele está me olhando de rabo de olho, estudando meu humor antes de se aproximar.

— Olha só, se não é sua graça que resolveu aparecer. — Abro um sorriso convidativo, colocando o notebook para o lado.

E Henry se aproxima e senta ao meu lado, franzindo o olhar.

— Achei que estivesse brava?

— Você que bancou a menininha e não eu!

— Me desculpe. Acho que exagerei.

— Exagerou sim. Não é como se eu sempre transasse pensando no Harry e...

Henry me beija, interrompendo minhas palavras.

E alguns beijos depois e algumas roupas a menos eu finalmente consigo respirar e o encaro rindo.

— O que foi isso?

— Acho que só assim pra fazer você calar a boca.

— É um bom jeito. Acho que vou te enfurecer mais...

— Basta ficar falando do seu precioso Harry para me irritar.

— Ah... Príncipe Harry... — floreio as palavras e Henry solta um mugido irritado, afastando-se, me fazendo rir. — Você é tão bobo, Henry!

— Você que devia parar!

Suspiro, percebendo que este assunto realmente o deixa chateado e me aproximo, enroscando-me nele.

— Ok, desculpa, está bem? — Sorrio e ele acaricia meus cabelos.

— Isso é golpe baixo.

— O quê?

— Esse sorriso. Sabe que não tenho a menor chance.

Sorrio ainda mais.

— Eu sei, mas então estou perdoada, sua graça?

— Sim, está.

— E pode me dizer onde estava?

— Estava com o Simon. Fomos em um *Pub*.

— Simon? Achei que agora ele fosse um respeitável homem casado e quase pai de família!

Eu tinha ficado de queixo caído quando Henry me contou que Simon tinha não só se apaixonado, mas casado e engravidado a esposa em menos de dois meses!

E segundo Henry a esposa de Simon era louca de pedra e deixava Simon de cabelo em pé! Eu tinha rido, pensando que minha praga pegara em Simon.

Desde então Henry tinha ficado de marcar algo para nos encontrarmos e eu finalmente poder conhecer a mulher que tinha deixado Simon Bennet de quatro, mas até hoje não tínhamos conseguido, com todas as viagens que eu e Henry ainda fazíamos para Durham.

— Simon é tudo isso aí, mas aceitou tomar uma *pint* comigo hoje. E perguntou se não quer jantar com ele e Julie amanhã, o que acha?

— Eu acho ótimo! Sua mãe está especialmente chata esses dias e ela ficou colocando defeito nas minhas escolhas para o casamento. Devia estar lá comigo para me dar apoio!

— Já falei que acho tudo isso uma chatice e não vou me intrometer. Só me diga a hora e o local que estarei lá com as alianças, ok?

— Homens!

— Devia ficar feliz que pode ter o casamento do jeito que quiser.

— Sim, eu espero mesmo ter o casamento do jeito que sonhei! A organizadora não me pareceu muito feliz com meus pedidos.

Ele franze a testa.

— Que diabos andou pedindo?

Eu me afasto pegando o notebook e abro no e-mail, mostrando-lhe.

Henry está ligeiramente horrorizado quando termina.

— Adele? Você pirou?

— Por que não? Você é rico pode pagar o que ela pedir.

— Não é questão de ser rico é questão da falta de noção. No caso, a sua!

— Não acho! Temos que tentar! É meu sonho, e sonhos são feitos para serem realizados, Henry!

— Sonhos, não pirações!

— Você está falando com a garota que saiu de uma cidadezinha e achou que ia casar com um príncipe! Acha que vou deixar de tentar ter a Adele no meu casamento?

— Você não conseguiu casar com o príncipe, se não se lembra.

— Mas vou casar com um duque! — Pisco fazendo Henry revirar os olhos.

— Lá vem você...

— Ninguém mandou se apaixonar por mim. Agora vai ter que me aturar, mas pensa que ainda dá tempo de mudar de ideia, porque depois que eu for duquesa, já era.

Henry ri me virando na cama e me beijando.

— Mudei de ideia.

— Com o quê? Não quer mais casar comigo?

— Quero fazer um pedido para o casamento.

Levanto a sobrancelha desconfiada.

— Que pedido?

— Não vai poder dizer não.

Ai caramba. Se Henry fizer algum pedido nada a ver eu terei que vetar, não vou deixar ele estragar o casamento dos meus sonhos, mas em contrapartida ele não tinha dado um pitaco que fosse e estava deixando que eu fizesse tudo do meu jeito.

— Ok, eu prometo que vou dizer sim.

— Nós vamos fazer uma dança.

— Dança? Tipo assim uma valsa?

— Não, como o filme Dirty Dancing.

Puta merda, ele está falando sério?

Isso será muito cafona!

Imagina a rainha sentada vendo a gente pagar aquele mico?

Eu devo estar o fitando com expressão de horror, pois Henry aponta o dedo pra mim.

— Disse que não ia vetar.

Sem saber o que dizer, mas sim pensando numa maneira educada de dizer que não passarei vergonha na frente da rainha com Henry imitando Patrick Swayze enquanto tenta me levantar na frente de toda a nobreza, (sem contar que eu cairei esborrachada no chão com certeza), eu o beijo, voltando a tirar o resto de nossas roupas.

— Está tentando mudar de assunto? — Henry ri tirando a cueca.

— Este é o melhor assunto e eu prometo que não vou pensar em ninguém a não ser você, Duque de Durham!

Ele vem pra cima de mim, nu e lindo.

— Já falei que não tenho tesão que me chame de duque...

— Ai Henry, para de ser chato!

— Ok posso animar você. — Ele beija meu rosto e sussurra no meu ouvido. — Eu vou te foder com força, Duquesa de Durham.

Minha nossa!

Eu me arrepio da cabeça aos pés.

— E o que mais?

— Estou imaginando você vestida de noiva, com a rainha apresentando você a todos os nobres em Buckingham, você com sua tiara erguendo um brinde à realeza e...

Ai caramba, acho que nunca gozei tão rápido e tão alto na minha vida.

Ah, eu amo este cara!

***

— Ei, bonita, por que está parecendo preocupada?

Levanto a cabeça da revista de vestido de noiva que estou folheando e encontro o olhar de Miguel fixo em mim.

Estamos em um Café em Notting Hill cercados de revistas de casamento que Miguel tinha me trazido.

Porém, eu vinha tentando achar um jeito de falar com Henry sobre sua ideia de dança não ser adequada a um casamento real.

— Henry quer que a gente faça uma performance no casamento, sabe aquele filme Dirty Dancing?

— Querida, claro que eu sei! Fiz muita homenagem ao Patrick Swayze na puberdade.

— Urg!

— Então quer dizer que seu noivinho também é apaixonado por Patrick Swayze? Por isso está brava?

— Não é nada disso! Ele é fissurado por este filme, algo a ver com o pai dele ou sei lá.

— Que engraçado um hetero gostar disso.

— Não há problema algum com a heterossexualidade do Henry, ok?

— Opa, calma! E por que não quer dançar com ele? Eu acho que ia ser divertido. Está até na moda essas performances de casamento.

— Não em um casamento de realeza!

— Casamento de realeza?

— Sim! Praticamente! Henry é um duque, pelo amor de Deus! Este tipo de performance não combina com minha ideia de casamento real!

Miguel ri com vontade.

— Você é muito engraçada, Sophia! Mas me diga, gostou de algum modelo?

— Não, nada parece fabuloso o suficiente! — Fecho a revista, entediada. — Preciso ter pelo menos uma ideia do que vou querer para quando tiver a oportunidade de falar com Clare Waight Keller.

Miguel quase cospe todo o chá que está tomando.

— Você está pensando em fazer um Givenchy?

— Claro!

— Sophia, docinho, sei que você é quase uma duquesa e tudo o mais, mas será que não está viajando demais?

— Não acho! Por que todo mundo fica me encarado como se eu fosse uma maluca quando falo dos meus planos de casamento? Até entendo a Margareth, mas você Miguel?

— Eu não deveria duvidar de nada vindo de você, mas por que Givenchy? — De repente seus olhos se iluminam. — Meghan Markle não casou com um Givenchy?

— Casou? Nem lembrava... — Tomo um gole de café, desviando o olhar.

— Ah, acho que agora entendo...

— Entende o quê?

— Está copiando a Meghan!

— Não estou!

— Está sim! Vamos lá, qual o estilista do vestido da festa?

— Stella Mccartney.

— Como a Meghan. Aposto que queria se casar em Windsor.

— Querer eu queria, mas parece que só princesas reais que podem, aff. Palhaçada isso.

— Ai Sophia, achei que tivesse superado sua fixação no Harry.

— Mas eu superei!

— Sei... Enfim, acho que posso te ajudar.

Ele pega uma folha de papel e um lápis.

— Me diz como quer seu vestido.

— Um look chic, apropriado, atemporal, mas ao mesmo tempo extravagante, chamativo e inesquecível!

— Ok... — Ele começa a rabiscar e estou embasbacada quando vejo tudo o que sonhei no vestido desenhado por Miguel.

— E aí, algo mais ou menos assim? — Ele empurra o desenho em minha direção e não consigo falar, pois estou ocupada demais chorando. — Ei, bonita, está chorando?

— Miguel, é perfeito! Eu amei.

— Bem, não sou da Givenchy, mas que bom que ajudei.

— Não quero mais um Givenchy! Este é meu vestido! — Pego o papel abraçando contra o peito.

— O que está dizendo?

— Que você desenhou meu vestido perfeito e este será meu modelo!

— Está falando sério que vai abrir mão de um Givenchy?

— Tem razão, eu queria mesmo fazer um vestido mais bonito que aquela atriz, mas este daqui é bem melhor! Não precisamos de Givenchy! Na verdade, acho que poderia desenhar para mim o vestido da festa também! E quer saber, podia fazer todo meu guarda-roupa.

— Querida, você está pegando fogo hein! — Ele ri. — Mas estou adorando! Só não sei se minha pobre máquina de costura aguenta tudo isso.

— Já sei! Vamos montar um ateliê pra você!

— Está louca?

— Não! Poderia ser em Oxford Street! Já estou até vendo o letreiro dourado na porta “Miguel Reyes – estilista”.

— E de onde acha que vou tirar dinheiro pra isso? Não vou fazer programa, meu amor, este traseiro aqui tem dono agora.

— Para de ser ridículo, vamos falar com o Henry , ele adoraria investir em você tenho certeza! A-há! Eu terei meu próprio estilista, isso sim é coisa de aristocrata!

Antes que Miguel possa responder, seu celular vibra e vejo o nome de Justin brilhar no visor.

— Bem, adoraria continuar aqui batendo papo sobre seus planos mirabolantes, mas meu namorado está me chamando.

— E quando vou conhecer o Justin? — Miguel estava namorando há alguns meses um executivo e eu já tinha visto algumas fotos e o cara era mesmo muito gato.

— Em breve, querida. — Ele me dá dois beijos estalados antes de ir e decido que também preciso voltar pra casa.

Pago a conta e estou saindo do Café quando vejo uma moça de cabelos loiros beijando um cara alto na porta de um restaurante. Paro, franzindo o olhar, com a impressão que conheço aqueles cabelos e quando o homem se afasta, eu reconheço não só Lexi, a irmã de Henry, como também o homem que acena e se afasta, entrando em um táxi que parte em seguida.

Que porra Lexi está fazendo beijando Hugh?

— Lexi! — grito atravessando a rua e ela se vira pra mim, ficando vermelha.

Eu nunca tinha visto Lexi enrubescer.

— Aquele era o Hugh? — ainda questiono querendo muito estar errada.

Eu não via o primo canalha de Henry há alguns meses desde que Henry tinha assumido de vez seu lugar como Duque de Durham e o escorraçado junto com a mãe beata para os confins de York.

— Sim, era — ela confirma, com uma expressão culpada.

— Que merda está fazendo beijando ele? Eca!

— É uma longa história que sinceramente nem estou a fim de contar agora. — Ela tenta se afastar, mas eu seguro seu braço.

— Ei, Lexi, não vai embora não! O que está acontecendo? Está namorando o Hugh?

— Não. Quer dizer... — Ela suspira dando-se por vencida. — Sempre tive uma paixonite no Hugh e ele sabia, mas nunca me deu a mínima, quer dizer, ele me enrolava, me dando alguma esperança porque queria me ter como aliada para conseguir Durham, mas quando viu que eu jamais ficaria contra o Henry ou minha mãe, desistiu de ser legal comigo.

— E agora que ele perdeu Durham de vez veio atrás de você?

— Não foi assim...

— Eu aposto que foi! Não vê que ele é um cafajeste? Eu achei que essa sua paixão tinha passado! Mas ainda é apaixonada por ele então?

— Não, mas... Acho que queria ver como seria. Eu sempre tive quem eu quis e o Hugh era o único que era impossível.

— Não acredito que caiu na lábia do seu primo por capricho, Lexi!

Ela dá de ombros.

— Está sendo exagerada. Não é nada, é só um casinho...

— Sua mãe sabe?

— Claro que não.

— E Henry?

— Muito menos Henry. — Ela segura meu braço, apreensiva. — Não pode contar ao Henry! Tem que me jurar!

— Eu não sei se devo esconder isso dele...

— Por favor, o Henry vai ficar muito bravo!

— E com razão.

— Talvez sim, mas eu vou terminar com Hugh.

— Acha que vai ser fácil assim? Eu aposto que Hugh só quis ficar com você para conseguir alguma coisa...

— Hugh sabe que não vai conseguir nada comigo! Eu vivo de mesada e minha herança está condicionada a um fundo que só será liberado quando eu fizer trinta anos ou me casar.

— É isso! Ele quer casar com você e botar a mão na sua herança!

— Duvido! Eu tenho 19 anos, não vou casar, credo! Se é essa a ideia dele, vai cair do cavalo. Agora, por favor, jure que não vai contar ao Henry ou a mamãe?

— Tudo bem, mas tem que terminar isso. Agora!

— Pode deixar. Eu vou terminar!

Ela acena para um táxi.

— Posso ir com você, estou indo para casa...

— Não estou indo para casa, vou às compras. Tenho uma viagem neste fim de semana para uma estação de esqui na Suíça com algumas amigas e preciso de roupas novas!

Ela entra no táxi e acena.

Suspiro, vendo o táxi se afastar preocupada. Eu espero mesmo que Lexi tome juízo e termine com Hugh, porque não gosto nada de esconder aquela história de Henry.

Quando chego em casa, Henry está jogado em um sofá com uma cerveja na mão e atrás dele vejo Margareth andando de um lado para o outro enquanto escuta alguém ao telefone e não parece nem um pouco feliz.

— Oi para vocês. — Sento ao lado de Henry, beijando seu rosto e faço um sinal indagando qual o motivo do mau humor de Margareth. — O que deu nela agora? O que você fez? — cochicho.

— Eu não fiz nada, acho que foi você, ela está falando com a organizadora ao telefone e ouvi seu nome.

Ai merda. Qual o problema?

— Será que ela não gostou da ideia dos pajens gêmeos idênticos para carregar meu véu?

— O quê?

— E isso que nem contei ainda que quero que o Miguel faça meu vestido.

— Como é?

— Sim, olha que lindo. — Tiro da bolsa o desenho e estou prestes a mostrar a Henry, mas me atenho ao detalhe de que o noivo não pode ver o vestido da noiva antes do casamento e recolho a mão. — Não, não pode ver.

— Por que não?

— É o desenho que Miguel fez e é um vestido perfeito. Então isso me leva a algo que quero conversar contigo. Você vai investir no Miguel.

— Como assim?

— Ele é um estilista maravilhoso e só precisa de um empurrãozinho para abrir um ateliê.

— Ok — Henry volta a sua cerveja, pegando o celular, despreocupado.

— Ok, só isso?

— Sim, só isso.

Suspiro. Homens! Podia se mostrar mais empolgado, mas Margareth escolhe aquele momento para desligar o celular e marchar em minha direção cuspindo fogo.

— Celine acabou de fazer um parecer bem estapafúrdio sobre seus pedidos para o casamento...

— Ah é? Como assim? — Eu posso atinar sobre o que é, mas me faço de desentendida.

— Aliás, ela não deveria estar chamando minhas exigências de estapafúrdias! Se ficar me criticando em vez de se esforçar para fazer o trabalho dela, eu posso conseguir outra organizadora e...

— Ela disse que todos os seus pedidos se assemelham muito a outro casamento.

— Não sei do que ela está falando...

— Que se acatar todos seus pedidos teremos um casamento idêntico ao do Príncipe Harry!

— Jura? Nossa, que coincidência. — Solto um risada debochada. Só que com a menção da palavra Harry, Henry se colocou alerta.

— O que disse?

— Eu disse que sua noiva está copiando todos os detalhes do casamento do Príncipe Harry! Isso é ridículo, Sophia!

— Sério isso? — Henry fixa em mim, os olhos furiosos.

— Qual o problema? Todo mundo está se inspirando naquele casamento, fala sério!

— Pois vai mudar todos esses planos! — Margareth exige.

— Não! O casamento é meu e faço como quiser!

Margareth joga as mãos para cima.

— Pra mim já chega! Eu lavo minhas mãos. — Ela aponta para Henry. — Estou viajando para Durham e deixo que você controle sua noiva!

E ela dá meia-volta, saindo batendo os saltos no chão.

Viro-me devagar para Henry sabendo que ele não está nem um pouco feliz comigo.

— Sério? — esbraveja.

— Continuo dizendo que não é nada demais...

— Eu disse que não ia me intrometer, mas isso já é demais, Sophia!

— Demais por quê? É meu casamento e faço como bem entender! E aproveitando que estamos falando disso, já fique sabendo que sua ideia de Dirty Dancing está vetada!

— O quê?

— Não combina com nosso casamento! É uma recepção real...

— Real? Você não é um membro da realeza, Sophia!

— Sou quase! Você é um duque, somos aristocracia. Nobreza!

— Grande merda!

— Como pode falar assim! — Com a mão no peito, ultrajada com o deboche de Henry. — Nosso casamento vai ser um acontecimento! A rainha estará lá.

Henry ri.

— Cai na real, Sophia! Você pode até convidar, mas aposto que a velha tem mais o que fazer.

— Velha?!

— Isso se ela estiver viva até lá...

— Meu Deus, Henry, que blasfêmia! Ela é sua soberana!

— Ok, estamos na Idade Média agora? Só falta dizer que ela é uma representante de Deus na Terra!

— Ela é! E sorte sua que não estamos na Idade Média, porque seria enforcado!

— Pelo menos eu não teria que aguentar você e essa sua mania ridícula de realeza!

Dessa vez perco o fôlego de verdade, como se Henry tivesse socado meu estômago.

Ele percebe na hora que falou demais e solta um palavrão, com uma expressão culpada.

— Você me chamou de ridícula? — sibilo.

— Não, eu disse que sua mania de realeza é ridícula.

— Agora foi longe demais, Henry!

— Ah, pelo amor de Deus, sabe muito bem o que acho de tudo isso, não é nenhuma novidade!

— E você sabe bem o que eu penso e também não é nenhuma novidade! Se é um sacrifício muito grande pra você devia ter pensado antes de pedir pra casar comigo!

— Eu achei que pelo menos estaria livre dessa sua obsessão com o Harry!

— Ah, agora entendo! Está com ciúme! Supera isso, Henry.

— Não estou com ciúme daquele cretino!

Antes que consiga responder escutamos passos e em seguida meu pai entra na sala.

— Minha nossa, dá pra ouvir os gritos de vocês do outro lado do portão! — Ele olha de mim para Henry com olhar inquiridor. — Que briga é essa?

— Sua filha é louca...

— Henry que começou...

Eu e Henry falamos ao mesmo tempo e meu pai passa a mão pelos cabelos.

— Acho que vim em uma má hora, melhor deixar vocês resolverem isso...

— Não, pai. — Caminho até ele, tocando seu braço. — Estou feliz que esteja aqui! Não sabia que viria, por que não avisou? — indago lançando um olhar para Henry de “terminamos isso depois”.

— Certo, preciso de uma cerveja — Henry resmunga saindo da sala.

— O que aconteceu aqui, Sophia? — papai insiste quando Henry se afasta.

— Nada, ele está bravo por causa de uns detalhes do casamento. Bobagens! — Faço um gesto de descaso. — Vovô e vovó não vieram com o senhor?

— Não, eu vim tratar de uns assuntos no banco e resolvi dar uma passada, não ficarei muito.

— Mas pelo menos almoce com a gente. Já sei! Vamos sair e almoçar fora! Aí te conto

dos meus planos de casamento. Só espera eu trocar de roupa, o clima mudou e essa roupa está quente!

— Tudo bem, enquanto vai se arrumar, vou acompanhar Henry em uma cerveja.

Subo para o quarto e troco de roupa. Penso que a presença do meu pai será boa para apaziguar os ânimos entre mim e Henry.

Quando desço estou chegando à cozinha, mas paro ao ouvir meu nome.

— Tem que ter paciência com a Sophia, Henry — papai diz.

— Eu tenho até demais, mas às vezes ela me exaspera! Esses planos de casamento estão passando do limite...

— Toda mulher fica meio maluca com planos de casamento, releve.

— Sophia leva essas maluquices a outro nível.

— Bem, acho que você sabe de onde vem, né?

— Sobre isso, eu estava pensando, você deveria contar a ela.

— Eu não sei, já passou tanto tempo...

— Então talvez eu tenha que contar.

— Eu só te contei para que entendesse. Não acho que Sophia tenha que saber agora que é neta de do Barão de Wessex.

O quê?

Irrompo na cozinha, perplexa com as palavras do meu pai.

— O que disse?

Papai e Henry me encaram, ambos com expressões culpadas.

Mas eu ainda não entendo...

— Querida... — Papai vem até mim e toca meu ombro.

— O que o senhor disse? — Passo os olhos dele para Henry.

— É isso mesmo que ouviu. Seu avô é um barão — Henry confirma.

Meu queixo vai ao chão.

— Como isso é possível?

Encaro meu pai, que está cabisbaixo.

— Pai?...

Ele me fita por fim, vencido, sentando-se.

— Sua mãe era filha de um barão.

Minha nossa, sinto minha mente rodando.

— Não entendo...

— Nos conhecemos na faculdade e seu avô era contra nosso relacionamento. Nos casamos mesmo assim e ele a deserdou.

— Então eu tenho um avô... com um titulo de nobreza?

— Sim, você tem...

— Por que nunca me disse?

— Sua mãe rompeu relações com ele. Quando nos casamos, ela deixou aquela vida para trás.

— Mas eu tinha que saber!

— Ele nem sabe que existe, Sophia!

— Por que não? Achei que mamãe não tinha parentes vivos, é o que você sempre me dizia!

— Eu nunca quis que ele soubesse de você... quando era criança, tinha medo que tentasse tirá-la de mim, ele era muito rico e...

— Caramba, eu tenho um avô rico?

— Olha, isso não tem importância agora... você é adulta e...

— Como não tem? Você sabia o tempo todo, sabia dos meus sonhos, da vontade que eu tinha de pertencer à nobreza e escondeu de mim! Eu nunca soube de onde vinha este anseio e agora eu sei. Era porque eu tinha que estar naquele mundo, fazer parte dele!

— Não, você pertence a nossa família...

— Mas eu tenho outra família também! Não tinha este direito, papai!

— Sophia. — Henry toca meus ombros e eu me viro para ele.

— E você sabia também?

— Seu pai me contou quando fui atrás de vocês quando rompemos...

— E não me contou...

— Seu pai...

— Vocês dois me escondendo isso! Não posso acreditar!

Eu me sinto traída como nunca antes.

— Sophia, se acalme.

Eu afasto Henry com um safanão.

Olho para meu pai sentando com a cabeça entre as mãos.

— Estou muito decepcionada com o senhor... e com você. — Encaro Henry, chorando.

— Sophia, eu sinto muito. — Henry parece sincero, mas estou com raiva demais no momento.

Respiro fundo, tentando conter os soluços.

— Eu preciso ficar sozinha.

Pego minha bolsa e saio da cozinha.

Escuto os passos de Henry atrás de mim.

— Sophia, aonde vai?

— Me deixa sozinha, Henry, preciso respirar e não quero olhar na sua cara agora!

Saio da casa e caminho pelas ruas de Mayfair sem rumo até que decido que preciso de um rosto amigo para poder chorar e desabafar toda aquela confusão. Ligo para Miguel, mas ele não atende. Provavelmente está transando com o namorado gostoso.

Aceno para um táxi e dou o endereço do único lugar que talvez tenha alguém para me ajudar agora.

Simon.

Quando chego ao prédio, o porteiro anuncia minha presença, me lançando um olhar esquisito e posso bem ver que ele deve estar se perguntando quem é a garota louca chorando sem parar.

— A senhorita pode subir — ele diz depois de desligar o interfone.

Porém, quem abre a porta do apartamento para mim não é Simon, e sim uma garota de cabelos castanhos e olhar curioso. Ela ostenta uma barriga de alguns meses de gravidez embaixo do suéter.

Caramba, no meio da bagunça que estava minha cabeça, eu tinha esquecido que Simon estava casado agora!

— Oh meu Deus, você deve ser a esposa do Simon — balbucio meio aturdida e ainda fungando.

A moça me encara entre divertida e preocupada, fazendo um sinal para eu entrar.

— Sim, eu sou Julie. E você deve ser a noiva do Henry, Sophia não é?

— Sim, eu sou Sophia.

— Desculpa, Sophia, mas o que aconteceu com você? Parece que foi atropelada e quebrou algum osso... o cúbito talvez?

Franzo o olhar quando ela ri sozinha da piada que só ela entendeu.

— Oh, desculpe, você parece péssima é isso... e eu achei que você e Henry viriam jantar comigo e Simon...

— Sim... isso, mas... Aconteceram umas coisas... Simon está?

— Não, Simon está trabalhando.

— Mas hoje é sábado...

— Não me fale! — Julie rola os olhos e faz um sinal para eu segui-la. — Bem, Simon não está, mas acho que precisa de uma bebida para me contar seja lá o que aconteceu pra você aparecer assim... descomposta.

De repente ela se volta, com os olhos arregalados.

— Não me diga que o Henry é daqueles caras abusivos e bateu em você? Ah e nem me venha com aquele papo de que caiu e bateu no guarda-roupa! Henry precisa pagar pelos seus crimes! Não interessa que é da realeza e...

— Não é bem da realeza, ele é um duque... — suspiro me recordando das palavras de Henry. — E ele odeia ser duque...

— Ah, e isso é motivo para bater sua cara na porta?

— Henry não bateu minha cara na porta... — sussurro horrorizada com aquela sugestão.

— Ah, desculpe! — Julie sacode a cabeça e continua em frente. — Então o que fez você ficar assim chateada a ponto de... — Ela se volta de novo. — Você veio pedir conselho amoroso ao Simon? Ao Simon?

— Não era bem conselho amoroso... Eu só estava bem chateada com o Henry mesmo e...

— O Henry te traiu? Ai meu Deus você descobriu que o Henry trocava mensagens sacanas com uma amante, e dizia que queria ser o tampax dela igual o Príncipe Charles e a Camila? Olha, nem sempre é legal grampear o telefone do marido, mas quem sou eu pra falar isso? Eu mesma já grampeei o telefone do Simon, eu podia jurar que ele estava transando com um amante latino e...

— Minha nossa, do que está falando? — Estou tonta de tanta coisa absurda que sai da boca da esposa de Simon como se fosse uma metralhadora descontrolada.

— Ai me desculpe. — Ela segura meu braço e aperto de leve. — Preciso deixar você falar, não é? Que tal um vinho?

Ela abre a geladeira e faz um sinal para eu sentar na bancada, trazendo um vinho branco e duas taças.

— Você pode beber?

— Não, mas posso sentir o cheiro. É o que eu faço quando Simon bebe na minha frente.

Tomo um gole da taça que ela me serve e graças a Deus ela fica em silêncio, enquanto vou me acalmando o suficiente para falar.

— Então, quer me contar o que aconteceu?

— Eu acabei de descobrir que meu pai escondeu algo de mim a minha vida inteira. E Henry descobriu isso há algum tempo e não me contou.

— E o que foi isso? — Julie se inclina, curiosa. — Não me diga que seu pai é gay? Ou ele decidiu trocar de sexo como o Bruce Jenner?

— Não!

— Então conta logo!

— A minha mãe morreu quando eu nasci e eu nunca a conheci. E eu cresci com meu pai e meus avós, em uma fazenda de morangos em Weybridge. E sempre fui uma pessoa comum, mas com sonhos peculiares, digamos assim.

— Ah sim, Simon me contou que queria casar com o Harry — Julie solta uma gargalhada. — Achei arrojado! Uma pena ele ter conhecido a Meghan antes de você, mas pelo menos fisgou o Henry que é um duque. Não é de nada mal. E sem contar que ele tem um castelo!

Eu queria tanto ter um castelo... Mas o Simon não quer nem comprar uma casa, o que dirá um castelo e...

— Enfim — interrompo mais um de seus devaneios malucos —, eu sentia no fundo do meu coração que eu tinha nascido para mais. Não era só uma questão de um *crush* no Harry. Eu queria ser daquele mundo.

— Nossa, que profundo, já pensou em escrever um livro?

— Quê?

— Nada, continua!

— E então eu conheci o Henry e me apaixonei e qual não foi minha surpresa ao descobrir que ele era um duque! Eu mal podia acreditar e achei que era o destino! Podia não ser uma princesa, mas seria uma duquesa.

— Achei muito digno! — Julie bateu a taça na minha.

— Mas hoje eu peguei uma conversa deles e meu pai dizia a Henry que meu avô, o pai da minha mãe, é um barão!

Julie arregala os olhos.

— Sério? Barão? Minha nossa! Isso que é ser sortuda! Neta de barão e noiva de um duque!

— E eu fiquei tão brava! Como ele pôde esconder isso de mim?

— Sim, é sacanagem! Você poderia ter crescido em um castelo! Será que seu avô tem um castelo? Minha nossa!

— Eu não sei! Não sei nada sobre este homem ou se até mesmo tenho outros parentes! Meu pai escondeu tudo de mim.

— Por que ele fez isso?

— Ele disse que meu avô deserdou minha mãe quando eles se casaram, e quando mamãe morreu ele ficou com medo de contar ao meu avô sobre mim temendo que talvez o barão quisesse me tirar dele.

— Imagina como teria sido sua vida se isso acontecesse? Você cresceria desde pequena entre os aristocratas! Podia ser amiga do William e do Harry! Menina, o Harry podia mesmo ter se apaixonado por você!

Ai caramba, não é que Julie tinha razão?

Pensar nisso faz uma nova onda de choro sacudir meus ombros.

— Oh, pobrezinha, não chora! — Julie me passa um lenço. — Seu pai foi meio sacana escondendo de você suas origens nobres, mas acho que no fundo ele fez por amor. Ele não queria perder a única filha e ele já tinha perdido a esposa.

Eu fungo, limpando o nariz.

Sim, olhando daquele prisma, eu até podia entender papai.

— Sim, Julie, acho que tem razão. Eu não tinha pensado por este lado, obrigada.

Julie sorri.

— Sim, eu sei. Sou muito boa em dar conselhos familiares. Acho que talvez possa até virar uma espécie de guru... Já posso me ver dando palestras pelo mundo inteiro, talvez escreva um *best seller* e vou usar o seu caso como exemplo de como aconselhei a Duquesa de Durham a fazer as pazes com seu passado e...

— Então — eu a corto de novo —, mas ainda estou tão brava com Henry! Ele tinha que ter me contado. Vamos nos casar. Não deveria esconder coisas de mim.

— Às vezes os casais têm pequenos segredos.

— Você tem segredos de Simon?

— Eu não tenho, e Simon também não tem nenhum segredo de mim. Somos um casal perfeito. Quer dizer, às vezes — ela dá de ombros —, mas o Henry é um cara legal. Não acho que ele fez por mal.

— Meu pai pediu que ele não contasse, ao que parece.

— Aí está. A culpa é do seu pai então, e como já perdoamos seu pai, está tudo bem! E aí, quando vai conhecer seu avô?

— Conhecer meu avô?

— Sim! Essa é a parte mais importante! Não tem curiosidade?

— Mas não sei nada sobre ele...

Julie puxa um laptop em cima da mesa e começa a digitar.

— Qual o nome dele?

— Só sei que é Barão de Wessex...

— Hum, podemos pesquisar, no Google tem tudo... Qual era o nome de sua mãe?

— Ann Marie Campbell, era seu nome de solteira. O que é estranho, pois sempre achei que fosse de origem escocesa.

— Aqui está! — ela exclama animada. — Lorde George Campbell, Barão de Wessex! Herdou o título de um tio avô, há 55 anos. Hoje ele tem oitenta anos e mora em uma propriedade na cidade de Windsor.

— Windsor? Está brincando! — Vou para o lado de Julie, querendo ver o que ela está descobrindo.

— Sim, Windsor! Parece que ele gosta de cavalos, tem algumas coisas relacionadas... E sim, Campbell é mesmo um nome escocês! O pai dele era escocês... Ele se mudou ainda criança para cá, para morar com o antigo Barão de Wessex que era um velho sem filhos.

— Diz alguma coisa sobre minha mãe?

— Aqui diz que ele é viúvo há 45 anos.

— Nossa, a idade da minha mãe. A mãe dela morreu de complicação de parto também

será?

— Nossa, que sinistro seria... Mas aqui não diz. Porém, diz que ele teve dois filhos. Ann Marie, sua mãe e um outro dois anos mais velho, Rupert. Hum... Aqui não diz nada sobre sua mãe e este Rupert.

— Nossa, eu tenho um tio e posso ter primos!

— E um avô vivíssimo que é barão! E temos aqui o nome da propriedade: Campbell House e podemos ir até lá!

Arregalo os olhos, amedrontada com as ideias de Julie, mas ao mesmo tempo empolgada.

— Acha que devo fazer isso?

— Claro. Agora!

— Agora?

— Por que perder tempo? Não quer conhecer esse avô misterioso?

— Sim acho que tem razão, mas... Não sei como chegar até lá. Talvez devesse esperar e conversar com Henry e...

— Achei que estivesse brava com Henry?

— Sim, ainda estou um pouco, mas Deus sabe que não consigo ficar brava com Henry por muito tempo.

— Então eu te levo até lá! — Ela pega as chaves do carro no aparador.

— Você vai comigo?

— Claro que sim. Estou louca para ver como essa história termina!

E assim, sem saber muito bem como, estou em um carro em direção a Windsor, com a falante Julie Harris ao meu lado. Ou melhor, Julie Bennett.

— Simon não vai ficar bravo com você?

— Simon sempre está bravo comigo! — Ela ri.

— O Henry ficou bravo comigo ontem — sussurro.

— Por quê?

— Bem, é meio íntimo pra contar...

— Ah, é sacanagem? Tem que contar!

— Bem, você já teve alguma fantasia assim... Durante o sexo?

— Como assim?

— Pensar em outra pessoa enquanto está transando.

— Oh... Você pensou em outra pessoa transando com Henry? Com quem?

— A rainha.

— O quê? — Julie quase bate o carro enquanto fica me encarando.

— Meu Deus, olha para frente! — Eu me seguro no banco.

— Caramba, esse é seu lance?

— Não! Eu estava sonhando com o dia do meu casamento. E como seria lindo como um casamento real. Na verdade, seria um casamento real, com tudo o que uma princesa tem direito! E a rainha estaria lá. — Eu suspiro. — E me empolguei.

— E Henry sacou?

— Bem, quando se grita o nome da rainha quando chega ao clímax...

— Minha nossa! — Julie não para de rir. — Mas você explicou pra ele, não?

— Sim, só que eu acabei confessando que já fantasiei que estava transando com o Harry. E aí ele ficou muito bravo.

— Olha, acho que eu até entendo ele ficar puto!

— Mas isso é normal! Vai dizer que nunca fantasiou com outro cara?

— Eu não fantasio com ninguém! Simon é perfeito demais para eu perder tempo pensando em outro cara! Se bem que... sabe o que eu venho pensando que seria demais assim.... de assistir? — Ela pisca pra mim. — Simon com Justin Taylor, meu chefe!

— Justin Taylor? Espera, o mesmo Justin Taylor que namora Miguel?

— Sim! Conhece Miguel?

— Ele é meu amigo! Que mundo pequeno!

— Então, Justin é demais, não é? Imagina ele e Simon juntos?

— Uau... — murmuro conseguindo ver o que Julie estava sugerindo.

Realmente seria um espetáculo...

— Mas você deixaria o Simon transar com um cara?

— Se ele me deixasse olhar! E talvez filmar?

Eu rio.

— Nossa, você é maluca mesmo!

— Já sei! Imagina Simon com o Henry? Seria demais também! Será que deixariam a gente assistir?

— Eca! Está louca? — Eu a encaro, horrorizada.

— Calma! Se está preocupada, a gente pede para o Simon ser o passivo, melhor assim?

Meu Deus, ela era mesmo insana!

— Será que podemos mudar de assunto?

Ela ri.

— Ok, a gente não é amiga há tempo suficiente para essas coisas mesmo... Mas enfim, fale-me sobre seu casamento? Já fez seu enxoval? Já sei! Podemos ir fazer compras em Nova York!

— Mas você está grávida...

— Aff! Verdade. Às vezes eu esqueço deste detalhe!

— Está de quanto tempo?

— Cinco meses. Quando vai ser seu casamento? Não gostaria de casar gorda e com pés de palhaço...

— Ainda não sei. Henry queria setembro.

— Não! Eu estarei horrível! Que tal maio do ano que vem? Aí minha bebê já terá nascido e ela pode ser a daminha de honra!

— Sua filha será só um bebê em maio!

— A gente dá um jeito! Sabe o que seria o máximo? — Ela faz de novo aquela cara de quem vai falar alguma coisa bizarra. — Se você ficasse grávida também!

— Mas eu nem casei ainda! Calma aí!

— Sim, seria maravilhoso! Aí seu filho casaria com a minha filha. E ela seria duquesa!

Estou rindo de seu devaneio quando avisto há alguns metros um jardim ornamental e atrás um solar branco enorme.

— Uau! — Julie exclama, ao estacionar. — Nada mal!

Saímos do carro, admirando a propriedade.

— Sim, é demais, mas isso porque não viu Durham.

— Ah esqueci que você é quase uma duquesa e tem um castelo! Vamos entrar. — Julie sai na frente, me puxando pelas escadas de mármore da entrada e antes que cheguemos à soleira, a porta se abre e um homem lindo aparece.

— Uau! — Julie exclama de novo.

O homem deve ter uns trinta anos e cabelos pretos bem cortados adornando um rosto atraente, os olhos que correm de mim a Julie são pretos também, embora a pele dele seja clara.

Ele usa uma camisa branca de puro linho e uma calça preta que lhe cai muito bem.

— Acho que acabei de achar alguém pra fantasiar... — ela sussurra no meu ouvido.

— Posso saber quem são vocês? — Sua voz é fria como gelo. E um tanto esquiva, assim como sua postura.

Nossa, quem é aquele cara arrogante?

— E quem é você? — Julie rebate.

— Perguntei primeiro. Aqui é propriedade particular e o barão não costuma receber visita, muito menos sem aviso...

— Eu vim ver o barão. — Tomo a frente.

O homem me mede como se eu fosse um mendigo pedindo para entrar em um palácio.

— E posso saber quem é você?

— Meu nome é Sophia Davis.

— O barão não conhece nenhuma Sophia.

— Mas conhece Ann Marie. Minha mãe.

— A-há! — Julie grita do meu lado. — Escutou, garotinho de recado do barão? Essa é a Sophia a herdeira de tudo isso aqui...

— Ei, Julie, menos!

O homem está estupefato me encarando.

— Ann Marie morreu. E ela não tinha filha.

— Sim, ela morreu quando eu nasci. E eu sei que ela nunca mais voltou aqui quando viva porque o barão, meu avô, a deserdou.

— Ah poxa, então você não é herdeira de tudo? — Julie parece decepcionada.

— Ela se casou com meu pai, Oliver. Um fazendeiro de Weybridge.

— Eu lembro de Oliver... — O homem parece com o pensamento longe. — E você lembra mesmo Ann... Não pode ser...

— Oliver, quem está aí...

Escutamos a voz de um senhor idoso vindo de dentro da casa e então surgir uma cadeira de rodas.

Prendo os olhos no homem velho, de fartos cabelos e bigode branco que me encara como se tivesse visto um fantasma.

— Ann?...

— Ai meu Deu, parece cena de novela — Julie sussurra.

— Ela diz que é filha de Ann, vovô — o rapaz arrogante diz.

— Você chamou ele de vovô? — Julie questiona.

— Sim, eu sou Edward Campbell. Futuro Barão de Wessex.

— Não fale bobagens que não morri ainda, rapazinho! — O velho senhor bateu com uma bengala no rapaz.

Minha nossa, então aquele é meu avô?

E aquele cara bonito é...

— Você é meu primo?

— Como sabemos que está dizendo a verdade? Pode ser uma maluca que veio se aproveitar da minha família...

— Ei, rapaz, deixe que eu falo com a moça. — O barão me olha de cima a baixo. — Se apresente, mocinha.

— Meu nome é Sophia Davis, senhor. Meu pai é Oliver Davis e minha mãe... Ann Davis.

— Ann morreu há muito tempo... — Há dor em seu olhar e parte meu coração.

— Sim, ela morreu quando eu nasci.

— Nunca fui informado que Ann tinha uma filha... Aquele homem que a levou embora apenas me mandou uma carta me informando de sua morte.

— Meu pai tinha medo que o senhor quisesse ter minha guarda ou algo assim. Ele não

agiu por mal.

— Então é mesmo filha de Ann?... As semelhanças são incríveis. Os mesmo cabelos, os mesmos olhos da minha Ann...

— Vovô, não está acreditando nisso está?

— Cale a boca, Edward! Aliás, por que estamos conversando aqui fora? Meus velhos ossos já não aguentam este vento, vamos entrar.

Nós seguimos Edward e o barão para dentro e Julie sussurra no meu ouvido.

— Chato esse seu primo, hein...

Edward olha para trás com raiva no olhar, deixando claro que ele ouviu o comentário impertinente de Julie.

— Mas não posso negar que é lindo... — ela continua.

E desta vez é o barão que nos lança um olhar exasperado.

— Ele é casado, mocinha!

— E daí, também sou! — Julie pisca.

— Julie, para com isso! — imploro.

— Eu não sou casado — Edward resmunga e o barão revira os olhos bufando.

— Até onde eu sei ainda é casado com a maldita escocesa! Nunca se divorciou daquela demônia de cabelos vermelhos, a tal Emily MacAlister, mesmo depois de oito anos!

— Não me divorciei porque o senhor disse que iria me deserdar se o fizesse! Mas assim que o senhor bater as botas é o que eu vou fazer! Tenho pesadelos em imaginar que ainda sou casado com aquela insana das terras altas!

Ele faz uma cara de horror e eu e Julie trocamos um olhar curioso.

Chegamos a uma sala ricamente decorada com móveis clássicos e uma velha criada que está limpando o aparador nos lança um olhar curioso.

— Olga, nos traga chá!

A mulher sai da sala e o barão pede que nos sentemos.

— Então, mocinha, conte-me sua história.

Eu conto de novo tudo o que eu sei sobre minha mãe, como foi minha vida e como descobri, há poucas horas, nosso parentesco.

— Fez muito bem em vir, mocinha.

— Meu nome é Sophia, senhor.

— Certo, Sophia... Eu sempre me arrependi de ter deserdado sua mãe. Achei que ela iria voltar pra casa, mas isso nunca aconteceu. Há oito anos meu outro filho se foi, me deixando Edward. E seu pai tinha razão, eu provavelmente a teria trazido para morar aqui que é o seu lugar. Eu passei anos achando que só tinha Edward como neto e estou muito feliz de saber que Ann me deixou uma herdeira!

Meus olhos se enchem de lágrimas com aquelas palavras, mesmo sendo proferidas em tom duro.

— Eu não sei se gostaria de ser separada do meu pai e meus avós que me ajudaram a me criar são maravilhosos, mas o senhor não sabe como é bom saber que também pertenço a este lugar. Acho que eu sempre soube.

— Sim, aqui é seu lugar.

— O que está dizendo, vovô? — Edward se intromete.

— Que vai ter que dividir sua herança, mocinho!

— Só pode estar de brincadeira!

— Não é uma brincadeira, moleque! Sophia é sua prima, filha de Ann e terá o que é seu por direito.

— O senhor nem conhece essa moça... Ela pode ser uma interesseira e...

— Ei, olhe como fala com a minha amiga! — Julie o interrompe. — Só porque é gostoso acha que pode falar assim com as pessoas?

— Julie, por favor. — Seguro sua mão e encaro Edward. — Eu sei que minha presença aqui é inesperada, Edward, mas eu não quero o dinheiro do barão.

— Sei... — Ele desdenha. — Por que mais estaria aqui?

— Porque queria conhecer a família da minha mãe. Estou feliz de saber que tenho mais um avô. E sim, amei saber que é um barão! E por mais que não pareça feliz em me conhecer, adorei saber que tenho um primo. — Abro um sorriso que faz com que ele desarme um pouco a carranca arrogante. — E espero que com o tempo passe a gostar mais de mim.

— Edward é um menino mimado e que não gosta de dividir seus brinquedos — o barão resmunga.

— Vovô! — Edward fica vermelho e agora parece mesmo um menino sendo repreendido.

— Ora, Edward, sabe que é verdade! Foi o único por aqui por muito tempo e pôde fazer o que bem entendia, inclusive se casar com uma maluca das terras altas que odeia os Campbells e colocou você pra correr!

— Temos mesmo que falar daquela maldita escocesa? Que inferno!

— Bem, se o assunto é casamento — eu me intrometo para tentar cessar a briga entre avô e neto. — Eu estou noiva. E vou me casar em poucos meses com o Duque de Durham, Henry Cavendish.

— Como é? — Edward exclama. — Então é noiva de um duque?

— Sim, como vê não quero roubar seu título, seu dinheiro ou seus cavalos! Se bem que se tiver joias eu aceito. Amo tiaras, a propósito!

— Sim, temos uma vasta coleção de joias — o barão confirma e eu quase desmaio de alegria.

Gente, eu ganhei um avô que é um barão, um primo lindo (embora arrogante) e joias!

Minha nossa, melhor dia de todos!

— E claro, terá que trazer seu noivo aqui para que eu o conheça! Ao que parece você será a primeira a me dar um bisneto! Quem sabe ele herdará o titulo de barão!

— Meu filho herdaria o titulo não? — Edward rebate.

— Que filho se nunca vai se divorciar da maldita escocesa?

— Eu queria me divorciar e o senhor que me impediu!

— Eu queria que domasse aquela demônia MacAlister! Aquelas terras são nossas e você até hoje só me decepcionou...

Minha nossa, que briga bizarra era aquela?

Julie acompanha tudo como se estivesse assistindo uma novela da tarde.

— Bem, a gente precisa ir — anuncio. — Vamos, Julie.

— Mas já? Não iam servir um chá?

— A gente precisa voltar a Londres...

— Mas estou com fome e aposto que deve ter uns biscoitinhos neste chá, né, Senhor Barão? — Ela pisca para meu avô.

— E quem é você mesmo?

— Bem, eu queria dizer que sou mais uma neta perdida e prima do gostosão, mas sou só a amiga da Sophia, Julie Harris-Bennett.

— Sim, Senhora Bennett, o chá já deveria ter sido servido... Olga! Cadê este maldito chá! Eu vou te demitir se não aparecer com este chá aqui agora! — ele grita e Edward faz uma careta.

Em alguns segundos a criada aparece com o chá e para a alegria de Julie, alguns biscoitos amanteigados.

O barão me criva de perguntas e Edward continua com cara de poucos amigos e em certo momento, enquanto estou entretida em contar tudo sobre meu casamento para o barão, vejo Julie se aproximando de Edward e indagando se ele "já tinha pensado em transar com homens, porque talvez ela emprestasse o marido dela.".

Edward negou com horror se afastando de Julie como se ela tivesse lepra e ela deu de ombros, enchendo a boca de biscoitos.

Ao fim da tarde finalmente partimos de volta a Londres com a promessa de que em breve eu voltaria trazendo meu noivo para o barão conhecer.

Quando chegamos à mansão de Mayfair, Julie me acompanha para dentro e percebo porque ela fez questão de entrar comigo, pois quando chegamos à sala vejo que Simon está lá, junto com Henry e meu pai.

— Julie, que merda estava pensando em dirigir até Windsor? — Simon reclama, mas não

escuto as justificativas de Julie, pois estou me aproximando de papai e o abraçando.

— Me desculpe por ter ficado brava.

— Eu que tenho que pedir desculpas, não deveria ter escondido seu avô de você...

— Eu sei, porque tinha medo de me perder, mas agora isso não tem mais importância.

— Julie ligou para Simon e disse que foram até a casa do seu avô em Windsor? — Henry questiona.

Encaro Julie e ela dá de ombros.

— Se eu não contasse ao Simon ele ia ficar bravo comigo.

— Estou bravo com você e... — Simon continua e os dois voltam a discutir.

E eu me viro para Henry e papai.

— Sim, eu fui. Julie deu a ideia de me levar até lá.

— E como foi? — papai indaga preocupado.

— Ele é incrível! Um pouco irascível, mas é meu avô e ele disse que se arrependeu de ter deserdado a mamãe. Pobre homem, ele perdeu o outro filho há oito anos e agora só tinha o neto, Edward.

— Um cara insuportável de tão arrogante e que está puto porque vai ter que dividir a fortuna com a Sophia! — Julie se intromete.

— Ele só ficou surpreso — eu defendo Edward.

É meu primo e sei que vou conquistá-lo mais dia menos dia.

Eu conquisto todo mundo, oras!

— Mas o que tem de arrogante tem de lindo! — Julie continua.

— Julie, que porra? — Simon reclama e ela suspira.

— Calma, Simon, eu estava pensando nele pra você e não pra mim...

— Vai começar com essa história de novo? Que inferno! — Ele se levanta do sofá. — Já chega, vamos embora que deve estar cansada e já passou da hora de você jantar...

Eles partem e papai também se despede.

E eu encaro Henry.

— Acho que devo pedir desculpas pra você também.

— Não precisa. — Ele me abraça e eu deito a cabeça em seu peito, suspirando. — Fico feliz que tenha encontrado seu avô. Ele foi legal com você?

— Foi sim.

— E este tal primo Edward? Vou ter que quebrar a cara dele por ter sido um bosta com você?

Solto um risada.

— Não. Ele é mesmo meio arrogante, mas tenho certeza que vou conquistá-lo.

— Tenho certeza que vai. É o que você faz.

— Mesmo porque você não é do tipo que sai por aí quebrando a cara de outros caras, duque.

— Eu mandaria o Simon quebrar.

— Certeza que ele ia gostar, embora, se depender de Julie, o Simon se embrenharia em outro tipo de luta com Edward!

— Não entendi...

— Deixa pra lá. E, olha, sei que ficou bravo com as coisas do casamento...

— Não, você tem razão, o casamento é seu, tem que ser como sonhou.

— O casamento é nosso. E o mais importante é que você estará lá. E sabe de uma coisa? Vou refazer todos os planos! Será um casamento original Sophia Davis! E vai ser tão incrível que vão querer me copiar por décadas! E nós vamos dançar como Dirty Dancing! Eu vou amar dançar com você, contanto que não me deixe cair!

— E a rainha?

— Bem, eu ia mesmo querer a rainha lá... — suspiro —, mas tem razão, é bem provável que ela não apareça e eu vou sobreviver. Vou ter muitas chances de fazer um brinde à realeza ainda... Afinal eu serei uma duquesa. E agora neta de um barão, eu vou ficar um nojo!

Henry ri.

— Eu te amo, Sophia Davis...

Passo meus braços em volta do seu pescoço.

— Então me leva pra cama que eu prometo não fantasiar com mais ninguém a não ser você, Duque de Durham...

****

O dia do meu casamento amanheceu ensolarado, apesar do frio de cinco graus.

Eu me encolho de frio ao abrir a janela e ver o jardim da casa do meu avô sendo preparado para a festa.

Onde eu estava com a cabeça em deixar Julie me convencer que um casamento no inverno em janeiro seria original?

Eu espero não morrer de hipotermia com meu vestido de cetim e renda!

Mas pelo menos uma felicidade ninguém pode me tirar: meu maravilhoso avô conseguiu que meu casamento seja em Saint George e eu tinha literalmente surtado com isso.

E sim, todos os membros da realeza foram convidados e eu me pergunto se a rainha vai aparecer. Afinal, não custa nada sonhar.

— Olá, bonita! — Miguel entra no meu quarto carregando meu vestido.

— Miguel! — Bato palmas, feliz.

— E chegou seu grande dia!

— Sim, estou tão animada! Olhe como vai ficar lindo o jardim! — Miguel chega ate a janela comigo e de repente um carro chegando chama minha atenção.

— Quem será?

Uma moça loira sai do carro, usando enormes óculos escuros.

— É Lexi — respondo quando ela joga uma bolsa Birkin nos ombros e do lado do motorista sai um homem loiro lindíssimo, também usando óculos de sol.

— E quem é este? — questiono, não deixando de sentir certo alívio ao pensar que aquele cara bonito pode ser o novo namorado de Lexi e que isso significa que ela tenha realmente dado o fora em Hugh.

— Cacete, este é James Gallagher! — Miguel exclama.

— Quem diabos é James Gallagher?

— O dono da metade de Londres, minha querida! Ele é podre de rico. Sua cunhada se deu bem, porque como pode ver, ele é um pedaço de mal caminho...

— Eu nem sabia que a Lexi estava com esse cara...

Os dois desaparecem dentro da casa e esqueço de Lexi e seu acompanhante lindo — e podre de rico, como disse Miguel — enquanto aprecio meu vestido e converso com Miguel sobre como vou querer meu cabelo e maquiagem, pois o cabeleireiro e o maquiador devem chegar em breve para começar a me arrumar.

Porém, de repente escuto vozes exaltadas e eu e Miguel nos entreolhamos.

— Que diabos?...

Saio do quarto seguindo as vozes e passo por meu avô que está discutindo com uma florista na sala principal e por Edward que está ao telefone, mas as vozes alteradas continuam vindas do escritório do meu avô e quando chego lá, as vozes são de Henry e Lexi.

— Está louca se acha que vou fazer isso! — Henry diz.

— Por que não? Você não gosta de Durham, nunca gostou! — Lexi rebate.

— Você tem mesmo coragem de vir até aqui sugerir que tenho que vender Durham para esse cara? — Aponta para James que parece calmo e frio, sentado em uma poltrona tomando whisky.

— O que está acontecendo aqui? — Eu me coloco ao lado de Henry.

— Lexi está louca! — Henry esbraveja.

— Lexi?

— Eu vim comunicar ao Henry que vou me casar!

— Você vai casar?

— Sim, comigo. — O homem sentado se levanta enquanto toma o resto de sua bebida e se coloca ao lado de Lexi, passando o braço por seu ombro.

Franzo o olhar ao reparar que Lexi não parece à vontade com este toque.

Olho pra Henry que está tão bravo que nem repara em nada.

— E isso deveria ser uma boa notícia não?

— Não para Henry, certamente! — Lexi sibila.

— Você não só está dizendo que vai se casar com um homem que até ontem eu nem sabia que estava com você como ainda quer que eu venda Durham pra ele.

— Mas Henry não vai vender Durham, Lexi! — eu me intrometo e encaro James. Ele ainda é mais impressionante de perto. — E você, deveria saber que Durham não está à venda!

— Tudo está à venda, senhorita, só precisa ter quem pague — rebate com arrogância. — E tenho certeza que Durham tem um preço.

— Escuta aqui, seu imbecil! Pode estar enrolando minha irmã, mas a mim não enrola! — Henry exclama.

Seguro seu braço para acalmá-lo.

— Não vou deixar você casar com Lexi porque quer pôr a mão na herança dela.

— Meu caro, eu sou bilionário. Não sabe que me chamam do homem que é dono da metade de Londres?

— Foda-se, pode ser dono da Inglaterra inteira, mas nunca de Durham.

— Isso veremos! Lexi vai herdar muitos hectares da propriedade quando se casar. Só quero facilitar lhe pedindo que me venda o resto.

— Nunca. Essas terras pertencem a minha família há gerações.

— Mas vai continuar na família. Conte a ele, Lexi.

Lexi empalidece e eu reparo que ela está muito estranha. Nervosa.

— Eu estou grávida, Henry — ela anuncia.

Agora é Henry que empalidece.

Minha nossa!

— Está grávida deste cara? Ele é o pai? — indago subitamente desconfiada.

Ela me encara de volta.

— De quem mais seria?

E ali eu vejo.

Aquele bebê não é de James Gallagher e não sei o que está rolando, mas tem alguma coisa esquisita entre Lexi e aquele cara.

Mas, sinceramente, eles tinham que aparecer com aquela bomba no dia do meu casamento?

Faça-me o favor.

— Meus parabéns, mas hoje não é dia de discutir este tipo de coisa. É meu casamento!

Olho significativamente para Henry.

— Então chega de briga! Podem discutir isso depois.

— Sim, tem razão. — Lexi pega sua Birkin. — Nós vamos embora e discutiremos isso depois.

— Onde vão? Lexi, você é minha dama de honra!

— Nós vamos para a casa de James. Ele tem uma casa aqui em Windsor. Eu voltarei a tempo, ok? Vamos, James.

James pega sua mão e os dois saem da sala.

— Poxa que novidade, não? — murmuro e Henry respira fundo.

— Lexi passou dos limites agora!

— Henry, esquece isso. Pelo menos hoje! Vamos nos casar!

— Sim, tem razão. — Ele beija o topo da minha cabeça. — E já soube da última?

— O quê?

— Achei que fosse uma *grupie* do Príncipe Harry ou algo assim e que saberia de tudo que acontece na vida dele...

— Está de brincadeira? Eu tive que largar minha vida de fã número um porque meu noivo é ciumento! — Fico na ponta dos pés e beijo sua boca.

— Então, Harry e Meghan decidiram deixar de ser membros seniores da realeza.

— O quê? Como assim?

— Agora eles não vão mais ter compromissos reais. Serão quase como pessoas comuns. Trabalharão para viver e tudo o mais.

— Mentira!

— É sério! Está em todos os jornais e sites! Ao que parece vão se mudar para o Canadá.

— Meu Deus, mas isso é uma tragédia!

Henry ri.

— Não exagera.

— É uma catástrofe para a realeza! A rainha deve estar devastada!

— Tenho certeza que ela vai sobreviver, afinal, ela parece que é imortal mesmo.

— Não brinca, Henry! Como pode ser tão insensível?

— Eu acho que ele tem direito de seguir a vida dele. Todo este lance de realeza é um saco!

— Eu tenho certeza que foi ela! Aquela americana! Sem o menor respeito pelas tradições, pela nobreza! Se ele tivesse se casado com uma inglesa...

— Com você, por exemplo?

— Talvez sim — desafio e Henry ri.

— Sophia, para com isso. Tenho certeza que deve ter sido por ela também, afinal, ele a ama. Eles têm um filho. Deve querer o melhor para a família. E só eles sabem o que estão

passando e seus motivos. Ninguém tem nada a ver com isso. Se ele estava infeliz, talvez este seja o melhor caminho.

Suspiro, um tanto triste pela notícia, mas no fim, sei que Henry tem razão.

— Realmente é a vida deles, mas acho um desperdício! Como pode alguém querer deixar uma vida de nobreza?

— Eu tentei, mas tive que voltar por causa de uma garota.

Sorrio quando ele se inclina e beija meu rosto.

— E você não tinha que estar se arrumando?

— É o que eu vou fazer! Vai me esperar no altar?

Ele sorri, já bem mais calmo.

— Mal posso esperar.

Observo minha imagem no espelho e prendo a respiração para não chorar.

— Você está linda — Julie sussurra.

Ela está lindíssima em um vestido rosa de seda e muito feliz por estar em forma depois da gravidez.

— Sim, estou mesmo linda — concordo tocando minha tiara. — Pareço uma princesa...

— E em breve será duquesa! — Lexi me entrega o buquê.

Eu tinha a questionado sobre a notícia de seu casamento e a gravidez inesperada, mas ela disse que não ia falar sobre isso.

E eu deixei pra lá, afinal, hoje é o dia do meu casamento.

Julie e Lexi me ajudam a descer e meu pai está me esperando lá embaixo.

Ele me beija por cima do véu e me ajuda a entrar no carro.

Seguimos até a igreja e ele sorri quando saímos do carro em frente à Catedral de Saint George.

— Você está linda, filha.

— Obrigada, papai.

Sigo em frente, entrando na catedral e faço meu caminho até Henry, que sorri pra mim ao fim do altar.

Não é meu príncipe, mas é algo muito melhor.

Meu melhor amigo. O amor da minha vida.

O homem com quem vou passar o resto dos meus dias.

E que vai me fazer duquesa, porra!

Sorrio e seguro sua mão, sentindo-me mais feliz do que nunca, enquanto a cerimônia prossegue até o aclamado sim, troca de alianças e um beijo embaixo de aplausos.

Então estamos fazendo o caminho de volta para sair da igreja, como marido e mulher.

Duque e duquesa.
E vejo meus avós sorrindo felizes e emocionados.
Meu avô, o barão, parecendo muito satisfeito.
Simon segurando a pequena Penélope, linda com seu vestidinho rosa.
E então Julie se aproxima e segura minha mão.
— Sophia, você viu?
— O quê?
— A rainha está aqui.
— O quê? Ai meu Deus... — balbucio antes de cair desmaiada aos pés de Henry.

****

Julie observa Henry levando ainda uma tonta Sophia para o carro em direção ao banquete que será realizado na casa do barão e cutuca Simon, um tanto culpada.
— Será que ela vai ficar brava quando descobrir que eu estava brincando?
— Porra, Julie! — Simon esbraveja.
E ela dá de ombros.
— Era só uma brincadeira... Pelo menos ela não quebrou um osso cúbito...

FIM

Nota da autora

E assim termina a história de Henry e Sophia!
Espero que tenham curtido e não esqueçam de deixar sua avaliação.

Neste conto, introduzi a premissa de dois novos livros que lançarei futuramente e que assim como Henry e Sophia e Julie e Simon, serão comédia romântica
(chick-lit).

A história de James Gallagher e Lexi Cavendish será contada em “O dono da metade de Londres” e a história de Edward Campbell e Emily MacAlister será contada em “Maldita escocesa!”

Grande Abraço

Ju

Sobre a autora

Juliana Dantas



Apaixonada por livros, séries e viagens, a paulista Juliana Dantas envolveu-se com a escrita em 2006, produzindo fanfics dos seus seriados e livros preferidos enquanto trabalhava em uma grande rede de livrarias. Estreou como autora independente na Amazon em 2016 e hoje possui 30 títulos na plataforma Kindle. Com mais de 80 milhões de páginas lidas e com dois títulos na lista de mais vendidos da *Veja*, sua escrita transita livremente entre dramas surpreendentes e romances leves e divertidos.

E-books Publicados na Amazon:
O Leão de Wall Street
Vendetta – Livro 1
Vendetta – Livro 2
Vendetta – Livro 3
Vendetta – Livro 4
A Verdade Oculta
Segredos que ferem
Linha da Vida
Longe do Paraíso

Espinhos no Paraiso
Juntos no Paraíso
Espera – Um conto de O Leão de Wall Street
Cinzas do Passado
Trilogia Dark Paradise (Box)
A Outra
Segredos e Mentiras
Uma vida extraordinária
Por um sonho
O Highlander nas sombras
Quando você chegou
O segurança de Wall Street
Box Vendetta
Uma noiva de natal
Um noivado nada discreto
O dia dos namorados de Julie e Simon
Um sonho de Princesa
As infinitas possibilidades do nunca
Desastres sexuais (Conto Amor, amizade e outros desastres)
Box Romances Inesquecíveis
No silêncio do mar
O que escolhemos esquecer
Um bebê Inesperado
Um bebê de natal (conto da série Julie & Simon)
Quase uma duquesa
Desafiando a Gravidade
O que escolhemos perdoar
A irresistível face da mentira
Entre o crime e a nobreza livro I
Entre o crime e a nobreza livro II
Um brinde a realeza - Conto
Black – O lado escuro do coração

Livros físicos

A verdade oculta – Editora Pandorga
Segredos e Mentiras – Editora Volúpia
Quando você chegou – Editora Volúpia
Uma noiva de natal – Independente
Um noivado nada discreto – Independente
No silêncio do Mar – Harper Collins – Harlequin
As Infinitas Possibilidades do nunca – Independente
A irresistível face da mentira – DVS Editora

Contatos

E-mail julianadantas.autora@gmail.com

Fanpage fb.com/@JulianaDantasAutora

Instagram @julianadantas_autora

WebSite: www.julianadantasromances.com

Caixa Postal: 79716 CEP 05022-970 São Paulo SP